

Galo cantou na Baía*

Guarda Toi não tinha sono essa madrugada. Quem ignora que a inspiração tira o sono como qualquer dor? Como, por exemplo, e segundo a comparação do próprio Toi, a dor do parto. Uma inquietação que ele bem conhecia formigava-lhe no espírito, coisa parecida com a inspiração. Mas era inspiração mesmo, uma irreprimível vontade de fazer algo, de se dar. Todo o mundo sabia que o guarda de Alfândega, Toi, era “mornador” brabo, e as mornas que inventava eram dançadas e cantadas com entusiasmo nos bailes nacionais, menos de uma semana depois de nascidas.

Toi tinha uma equipa de propaganda e divulgação bem instruída, composta quase toda de colegas. Morna nova de Toi era coisa boa, “sabe coma mel, pra todo o mundo”, como gostava de dizer a Salibânia, da Rua de Coco...

A estrada marginal refresca a caixa de pensar. Lá na sua – porque Toi tinha ideias fixas que ele chamava de filosofia – ficara assente que a morna veio do mar. Como Vénus (imagem colhida num tal Alcindo que fazia parte dum grupo literário), surgiu pura e nua das espumas do mar, e também como Vénus, é a protectora do amor porque foi à sua sombra que os nossos avós armaram casamento e o farão também os filhos dos nossos filhos, afirmara Toi, como evidente eloquência, num baile nacional do Tolentino. Foi ali que Jack de Inácia repontou dizendo que não sabia o que é que ele queria dizer com esta história de Vénus e outras, que Vénus só conhecia uma coisa de borracha que chamavam camisa e que vendiam na farmácia. Os companheiros falavam das basólias do Toi, convencidos de que estas e outras ideias e algumas palavras difíceis não eram de sua lavra. Transmítia-as tal qual as ouvia, para espantar a malta. Mas não deixavam de ser seus amigos por isso, pois era um bom compincha. Nunca acrescentou, todavia, qualquer justificação à convicção de que foi na ilha da Boavista, entre os pescadores, que nasceram as primeiras toadas rítmicas e queixosas da morna – razão, acrescentava, por que a morna tinha a cadência de remo na forqueta, e embalava os pares, na sala, como o bote embalava os pescadores no mar da costa. Foi para esquecerem as horas que os pescadores arranjaram uma cantilena ao ritmo do balanço do bote. Vão lá tirar razão ao Toi com provas que sim ou que não numa terrazinha pobre onde não havia documentação sobre nada do passado, como se o passado das gentes e das ilhas não tivesse importância nenhuma! Quem nada tem todo o mundo é seu – não é assim que a gente costuma dizer? – o que pode significar que quando não há documento sobre sim ou não de uma coisa, o sim ou o não pode constituir prova suficiente em si, isto é, todo o bicho-careta pode agarrar umas das duas opiniões sem deixar de ter a verdade na mão. “Porquê que havia de sr os pescadores de Boavista e não outros?” “Ora essa! Por que não? Se vocês querem saber tratem de indagar...” Lógico. Mas Toi tinha outras opiniões mais graves. Um dia gritou para todo o mundo ouvir, ali no reservado da Salibânia: “Ouvi uma conversa que me entrou na cabeça e daqui não sai. Porque é mesmo assim. Pois fiquei sabendo que a morna é mais antiga que o tango. E tango tem alguma coisa que ver com os nossos antigos emigrantes na Argentina. Eu por mim afirmo, de alma e coração, que o tango veio da nossa morna.” Ai, ai, guarda Toi metido em cavalarias altas. “Mas ó Toi...” “Aqui não tem discussão. Quem quiser saber

* Foi mantida nesta cópia a grafia original da edição.

trate de indagar...” Toi era guarda, podia livrar um de uma enrascadela, de modo que era melhor deixar tudo como ele dizia...

Gostava dessas nocturnas e solitárias deambulações – um pouco puxado por hábito profissional – e a Pontinha prestava-se para aliviar a caixa do juízo depois da meia fusca com que deixara a festa de guarda-cabeça em casa do compadre Severino, no Alto-de-S. Nicolau. Mas o que se estava a passar com o Toi essa madrugada não se relacionava já apenas com o grogue bebido no Severino. Havia nele uma euforia que o punha tonto e confuso e o fazia sofrer. Do mesmo modo, uma inquietação muito doce parecia suspendê-lo no ar e assobiava-lhe harmonias musicais cadenciadas ao ouvido. Era assim o “estado de transe” de Toi. Nesses momentos angustiosos qualquer coisa crescia no seu espírito a forçar uma saída. A válvula de escape dava passagem uma morna. Morta de Toi.

A última vez entusiasmou deveras. Título pirandélico: “*Sôdade ô non*”. Quem faz “*Sôdade ô non*” tem destino traçado. Foi depois dum baile no Tolentino, na madrugadinha, durante o passeio solitário para os lados da Cova da Inglesa, com o vento do mar a bater-lhe na cara e as ondas fosforescentes ali a dois passos rebolando na areia invisível, “como Vénus na sua luminosa aparição, parte onda parte mulher... ou meia morna”. “Digo e torno a dizer a vocês que morna veio do mar, cada vez tenho mais a certeza. Toada de morna é toada de mar. Minhas mornas têm um gostinho salgado – dizem – pois se é lá no mar onde nascem que as vou buscar...” Basofe, mas mornador quente – dizia Jack da Inácia. E **Teodora mordida Toi na nuca, sadicamente, porque gostava das mornas que ele fazia. E lá veio a explicação. Foi num piquenique, e Toi tinha dois grãos na asa: “Sou como bicho fêmea grávida. Quando sinto que estou para ‘ter’ morna, procuro sombra. E sombra com mar dante. Só com mar diante...”**

Talvez lhe fizesse bem umas pernadas até o Padrão. Por maior que fosse a calma sempre haveria uma aragem na ponta do Padrão. Além disso a presença simbólica dessa pedra comemorativa do voo dos dois heróis sobre o Atlântico era a melhor garantia para uma alta e aventureira inspiração. Transpôs os carris da oficina náutica, onde o falucho *Ondina*, branca e airoso como ave aquática, aguardava reparações. Foi seguindo a passo devagar. O porto alargava-se, vazio e apagado. À esquerda, no recôncavo da Pontinha, os farolins nervosos dos faluchos e as luzes da cidade espelhavam-se na superfície parada do mar. A baía bocejava, de bocarra aberta, sem nenhum vapor. Era desencorajador para os homens da baía. Dantes Toi quase vivia dos contrabandos que caçava. Tinha faro para surpreender contrabandistas em flagrante. Estes pululavam, os ratos da baía “roíam os cofres públicos” das ilhas. O guarda Toi descobria-os como gato velho. Atraía-os, iam-lhe cair no regaço. Os colegas e os amigos invejavam-lhe a sorte. Mas os sucessos não o apanhavam desprevenido. Vocês estão a ver. Não sei se estou a explicar bem. Há homens que sabem preparar a sorte, aquilo que vocês chamam de sorte, não vem de graça. Mas havia entre os companheiros de paródia quem pensasse que, de graça ou não, era uma sorte que não agradava a ninguém mais senão a ele. A mim, soberba de fora, eu não a queria pra nada, diziam os despeitados. Dinheiro que queima na mão não me entra no coração, disse uma vez a Salibânia, entre parênteses, não fosse o Toi saber. Que importava que a sua sorte desse desgraça a muito pobre de Cristo, se era essa a sua profissão. Cada qual luta para ter uma profissão; quem a tem defende-a. Ele conhecia o bruxo Baxenxe da Ribeira das Patas. Pois nhô Baxenxe é um centenário que sabe o que diz. Lava as mãos como Pilatos e explica: “Não tenho culpa das desgraças de cada qual. Se me pagam pra fazer mal, por que não hei-de fazer mal na medida da vontade de quem paga?” **Entre denunciar os irmãos ou não, Toi era implacável na defesa da sociedade e da profissão. Mais desta que daquela. A**

percentagem que lhe cabia das multas e dos produtos confiscados era tentadora para quem vivia de um salário de fome. Assim... O lirismo amenizava as penosas filosofias do homem lobo do homem. As mornas adocicavam-lhe as asperezas da vida e serviam de ponto de reconciliação com os outros. Toi tinha um coração de pomba. As garras e o bico de milhafre seriam, talvez, postiços. Ultimamente andava cabisbaixo, as mornas surgiram de raro em raro. O porto estava agora criando caruncho, virando velho, a ter saudade do passado. E a sorte já o não bafejava porque estava ligada ao movimento do porto, era o seu *over-time*.

Mas o espírito de Toi não o estava puxando para estas congeminções. O refúgio lírico da sua alma solicitava-o. A mesma inquietação voltou a formigar-lhe lá dentro, transformada agora em vagas palavras confusas e em notas de música sem sentido. Esta, não obstante, já revelava um ritmo embalado, de remo na forqueta, mas era, por enquanto, uma melopeia estranha, elementar, quase reminescente, toada de coisa recordada, sons ainda dúbios em busca de equilíbrio, de ligação entre as combinações de notas, estas buscando-se ou repelindo-se como que carregadas de electricidade. Percebia apenas na música – a sua convicção não ia para lá das suas suposições – o que era elementar nela: o embalo, o ritmo de remo de bote num mar docemente ondulado.

De súbito estacou. Apurou os ouvidos. Suspenso assim uns segundos entre a realidade e o sonho, escutou dentro do cérebro um chocalhar de vozes e ecos. Toi reconheceu o atalho que, habitualmente, o levava aos ocultos tesouros. Teve então a familiar sensação de que emergia do fundo, como pescador de pérola bem-sucedido. Desembaraçando-se de todo esse mecanismo complicado, começou, finalmente, a trautear, em voz alta, manejando o braço direito como um mestre de banda:

*“Sê rosto ê sol de nha tristeza,
Nha rosto ê céu que tá variâ:
Se Sol bem, ta fazê clareza,
Ma só el dxó'm, scuro tapâ...”*

- Meu Deus! – exclamou Toi, incrédulo, como se tivesse no bolso o primeiro prémio da lotaria, ou se a ostra tivesse dentro uma pérola. A quadra saíra assim inteirinha, de improviso. Esteve quase a perguntar-se: quem a fez? Curvou-se para dentro de si à cata duma lembrança, duma evocação qualquer. A coisa saíra naturalmente, assim mesmo, já agarrada à música como a uma tábua de salvação. Vénus quase nascia completa, com cabeça, tronco e membros, e alma. Declamou, cantarolando, duas, três vezes a quadra recém-nascida das ondas do mar, para a gravar melhor na memória e manter as palavras no feitio da música, que trauteou cautelosamente. “Sê rosto ê sol... Sê rosto ê sol de nha tristeza...” Jack de Inácia se encarregaria de passar o preto no branco com a sua letra bonita. **Toi, embora soubesse escrever, não era homem para escrevinhar versos como fazem os poetas. Quando pegava na caneta a inspiração fugia como se lhe repugnasse o contacto material...**

À boca da baía, na noite sem lua, os tríplices pingos vermelhos do farol rotativo do Ilhéu dos Pássaros mediam os minutos, os segundos, da mais longa viagem do *Grinalda* no Canal.

O cúter pairava entre o céu e o mar, entre as estrelas, tão trémulas como se estivessem prestes a soltar-se dos engastes, e os seus reflexos fugazes na superfície oleosa, e sem fosforescência, das vagas de calema.

O chocalhar das vergas, do poleame, dos cabos, da carga do convés rolando para cá e para lá, e da monótona chiadeira dos balaies de caniço com encomendas, era um jazz obsessivo, mole e sem alegria. A batuta do mastrozinho não mostrava pressa, entregue a um ritmo retardado e certo de metrônomo.

“Oh Deuzzze! Cando é que chegamos, ahn?!...”, gemia, impaciente, a vendedeira de pelourinho nos breves intervalos de duas sonecas. O vento que tinha sido de boa feição ao desamparinho e auxiliara a tripulação na manobra de largar, sem mais problemas que içar panos e puxar ferro, e empurra o airoso barquinho de nhô Tudinha à bolina mansa até o meio do mar-canal, abandonara-o repentinamente confiando-o à corrente marítima, à calmaria podre que agora pesava sobre as ondas entorpecedoras.

O patrão Jom Tudinha, de olhos grilidos na direita da sombra ameaçadora do Ilhéu que crescia, sinistramente, a querer cobrir o cúter como uma jamanta negra e gigantesca, puxava o temão ora para a direita ora para a esquerda, os ouvidos atentos à ressaca e as pupilas dilatadas, perscrutadoras, medindo as distâncias. Os olhos e os ouvidos do patrão Tudinha eram os únicos aparelhos de precisão de que dispunha o *Grinalda*.

As trevas da noite ocultavam a humilhação do velho homem do mar que se sentia quase impotente para evitar que a corrente do Canal fosse mais timoneiro do que ele – marinheiro de alto bordo com um passado glorioso de mar largo, e que nos seus tempos de flostria, como gostava de bazofiar, chegara a governar *three masters* até *New Bedford*, ida e volta, sempre e honradamente, e com toda a segurança de quem sabe do ofício. “No meu tempo de moço de câmara, bem novinho ainda, era eu o primeiro a ver *light ship* na costa da América. Eu sentia o cheiro a terra. Na hora certa punha-me de vigia. Se não acreditam é perguntar.” (Aquela maldita história do encalhe, a única mancha na sua vida de marinheiro mas que estragou o resto dos seus dias por causa da maldade dos homens das ilhas, e que já passou desde quando no mundo, foi apenas um azar só próprio da costa norte da Boa Vista, cemitério de navios que lá está!...).

“Oh Deuzzze!...” A mulher tornava a travessia mais longa ainda, não eixava esquecer o tempo, puxava Jom Tudinha para a realidade agastante da sua situação. Daqui a uma hora, ou oxalá, pensou ele como se estivesse a papiar em voz alta para encorajar a impaciente passageira, mas na verdade dando ânimo a si mesmo –, cando falucho cambar o ilhéu, a perna d’água virar cara pra sul, pegamos caminho e é só rodear João Ribeiro na endireitura da Matiota, e estamos na baía. Não será a primeira nem a última vez... Cuspiu para o mar, animado. A um grito de distância o enorme vulto triangular do ilhéu avizinhava-se. Torcia lentamente como um negro icebergue à deriva. Temão puxa temão num vaivém de gingar, Tudinha mantinha agora a calma de quem não via perigo imediato. Com a experiência dum encalhe, jurara nunca mais botar navio nas rochas deste mar das ilhas. Havia o recurso aos remos, mas *Grinalda* estava apenas torneando o ilhéu pelo norte, ganhando rumo, palmo a palmo. É na calmaria, e não no vento, que timoneiro de navio mostra sabedoria.

À exceção do Jom Tudinha, ao temão, e do Castanha, estendido, manhoso, ao alcance dos balaies de encomenda, entre dois fardos de palha, os homens da tripulação dormitavam aqui e ali sobre pilhas de sacos. Os quatro passageiros empilhavam-se, à fresca, no estreito tejadilho da escotilha. Uma mulher montanhosa, só carnes, virada para o mar, ressonava ruidosamente entre repetidos sobressaltos de impaciência; atrás dela uma rapariga de cabelos desfeitos e grandes olhos

luminosos, cheios de estrelas, ocupava a posição invertida; à beira oposta da coberta, com relação à primeira, **outra mulher, idosa e magra**, envolvida em panos, encolhia-se arrepiada como galinha no choco. “Cheira a capoeira, o diabo da bruxa”, rosnava de si para si, despeitado, o quarto passageiro deitado de través – **jovem engravatado, talvez empregado público ou telegrafista da Western que regressava da licença** –, roído de inveja e antipatia contra a velha por vê-la agarrar-se com frequência às pernas da rapariga, e não poder afastá-la do lugar que ele desejaria, de bom grado, ocupar. Na posição incômoda em que se encontrava, formava um ângulo recto com o corpo da moça, tinha o rosto virado para os seus fartos cabelos revoltos, as mãos quase tocando o ombro dela, os pés fincados na amurada.

Numa dança viscosa, resvalando moles e silenciosos, os quatro corpos deixavam-se levar e trazer no exíguo espaço, ao ritmo do balanço. Quando a embarcação galgava a encosta duma vaga maior ou descia uma funda cratera, a velha abraçava, assarapantada e tomada de pavor, as coxas da rapariga. Procurava assim salvar-se de ser projectada fora ou, pelo menos, não ir desacompanhada. Ao frenesim da velha correspondia o susto da rapariga que se sentia subitamente atezada pelos braços esqueléticos e rijos da desconhecida que surgira ao seu lado como que vinda do negrume misterioso do mar. “Credo!”, exclamava para esconjurar a morte que parecia arrebatá-la, e a tenaz afrouxava. A presença, tão perto, do rapaz que parecia tranquilizá-la quanto às investidas da velha produzia nela, todavia, uma impressão angustiante de insegurança. O bafo da sua respiração penetrava-lhe a espessa cabeleira e ia aquecer-lhe o crânio. Sentia-se indefesa naquela posição de entrega fácil, ao alcance das mãos masculinas. Esquisita situação que lhe transmitia, talvez pela primeira vez, a tentação de aventura amassada em curiosidade, repulsa e temor. Mas a velha, por sua vez, era a sua defesa contra o moço. Moço e velha, assim, se digladiavam.

Até que, para ele, e talvez para ela também, e a partir de um momento da viagem, a noite deixou de ser infundável. O cheiro repugnante a marisco decomposto e o balanço já o não enjoavam. Começou a dar-lhe prazer, com algo de estimulante e afrodisíaco. Pensava na jovem desconhecida deitada junto dele, e todos os seus nervos vibravam como as cordas duma viola lançada ao vento. Quem lhe dera que ela o escutasse, falar-lhe com intimidade e ternura, desabafar assim: “Sabe? Sou um homem só...” Nada mais. Apenas uma súplica. E esperar. As mulheres... Ele não gostava de ouvir os seus amigos falar de mulheres. Para eles as mulheres eram... Uma vaga intuição masculina de purificação, de compreensão e camaradagem lucilou no fundo mais esconso de suas inexperiências amorosas. Sim, ia a dizer, as mulheres são curiosas e compassivas. Não recusam abrir uma fresta quando se bate, com humildade e súplica, ao postigo da sua alma. Dá-lhes confiança, desperta nelas o instinto maternal. Mas ele tinha medo. Só sabia expandir-se para dentro de si, receava a todo o momento o fracasso. Se soubesse falar-lhes, fazer-lhes escutar o seu pensamento... Sim, talvez houvesse paz no mundo. Há homens que pensam em voz alta. **Ele não o podia fazer porque, frente ao sexo oposto, o órgão vocal emperrava e a língua secava-se-lhe na boca. Julgava-se ridículo. A timidez era um obstáculo físico,** um fosso que o separava dos outros seres humanos, das mulheres em especial – o cerco que lhe cerceava as audácias e cavava a sua solidão natural.

Nesse preciso momento a emoção irrompera tão avassaladora que não seria capaz de articular uma sílaba, esboçar um gesto seguro e comedido. O enjoo poderia voltar e afogar as poucas palavras que acaso tivesse na boca para dizer. Um tremor convulsivo começou a percorrer-lhe o corpo, como um engarrafamento monstruoso a obstacular todos os caminhos. Puxou a gabardina para os ombros, com frio. A noite continuava calma e cálida. Tiritava.

A mulher gorda despertou. “Ó Deuzzze!”, voltou a exclamar. “Chegamos ou não chegamos, ahn, nhô Tudinha?”, pergunta negligente, de sonâmbula, que não pedia resposta. Deitada à beira da escotilha, as costas viradas para o resto dos passageiros, a servir de anteparo à rapariga, os pés virados para o lado em que esta pousava a cabeça, as grossas pernas encolhidas, o tronco torcido para diante num grande Z rechonchudo, o rapaz ouvia-lhe friccionar, repetida e impacientemente, uma perna na outra, e era como um farfalhar de ramagens vigorosas ou um redemoinho de vento cavernoso à roda da sua cabeça. No começo da viagem ela falara pelos cotovelos, mas com o arrastar das horas, e os intermináveis balanços, deixara-se vencer pela madama e reduzira-se, entre sonecas sincopadas, a um laconismo queixoso e quase agressivo.

- Uá! – remedou Jom Tudinha, a puxar conversa. – Vamos passar a noite no Canal, comadre.

- Isto assim é uma chatiça – resmungou ela. Tinha seus negócios, trazia galinhas, ovos, frutas frescas, dois sacos de mandioca e balaio de hortaliça para a venda que possuía no mercado da cidade. Se não chegasse à hora calculada... – Como é que vou arranjar a vida com tanta responsabilidade na cabeça, ahn?...

- Dormir no mar é coisa sabe – insistiu, mangando, nhô Tudinha –, é coma menino no berço, comadre Tanha. Mas esteja descansada. Agorinha assim estamos entrando na Matiota ...

- Um jeitinho, nhô Tudinha, você faça um jeitinho pra gente não passar a noite aqui a badalar.

- Sabe, falucho não anda sem vento. Vento é perna de falucho – era o -homem entendido, o patrão do veleiro, o responsável pelo temão que falava agora.

- Estou a fazer força pra ele não sair da rabuja da corrente, não deixo ele fugir do caminho da água, esteja você descansada. É só o que posso fazer por agora. Não tem vento não tem perna. Vento é perna de falucho. Mas corrente já está a virar, é só um nadinha e rodeamos a ponta de Jom Ribeiro, redemoinho pega falucho e mete dentro da bala. Nem que entrar de popa, o que tem de ser tem muita força, uá!

- Deus o oiça, nhô Tudinha. Oh Deus o oiça, pra meu governo...

Estimulado pela conversa, o rapaz emergiu do fundo da sua toca, estendeu o braço como tentáculo cauteloso. **Para ganhar coragem cerrou os olhos. A noite ficava assim mais escura. Foi quando a sua mão tocou, inadvertidamente, a mão dela. A descarga eléctrica do contacto quebrou nele toda a iniciativa, e uma sensação de susto fez acelerar o bater do coração.** Mas -quando reabriu as pálpebras e tomou consciência da situação, verificou, assarapantado, que não afastara a mão. Nada se modificara afinal. O mundo continuava intacto. A sombra tenebrosa do ilhéu flutuava por trás do perfil da rapariga que mantinha a mesma passividade e aparente indiferença. Ao redor da vela bambulhante do cúter as estrelas continuavam desenhando círculos e parábolas, desaparecendo umas para dar lugar a outras, as constelações se revezando. Então, uma aragem vagabunda trouxe às suas narinas o cheiro a carqueja, a ervas maninhas das montanhas, a flores silvestres, uma mescla de coisas selváticas e puras, que pareciam desprender-se dos cabelos desalinhados sobre que pousava a tentadora pequena cabeça da moça. Mas na verdade provinham dos cestos e sacos de serapilheira que transportavam não só frutas como mato bravo e florzinhas do campo para chás.

Ela vinha da outra banda da ilha, onde leccionava as primeiras letras. A escola, uma pobre casinha isolada, sem reboco exterior, ficava a meia vertente dum monte fronteiro ao mar. Habituara-se a assistir, todas as tardes, à agonia sangrenta do Sol no horizonte. Vinha atraída pela saudade dos seus familiares. Trazia na alma uns restos de enfado pelo abandono forçado em que vivera meses sobre meses. Aquela

solidão, com escassa remuneração e nenhum estímulo, enchera-lhe a alma de todas as tristezas e ansiedades em que pode deixar-se afundar a juventude desamparada. A travessia do Canal era o regresso ao passado, à alegria de viver, e aquela mão desconhecida, tocando timidamente na sua, ganhava a súbita significação de um gesto antecipado de boas vindas a abrir-se ao seu direito à vida e à felicidade, como a misteriosa carícia dum sol verdadeiro que se aprestava à embriagadora solicitação da sua alma.

Castanha estendeu o braço, apalpou, lascivo e ávido, as curvas pejadas do balaio de encomenda mal atado. Para quem tal fartura? Tanta comida para uma pessoa só! Todos temos direito à vida e a um pouquinho de felicidade. Enfiou a mão. Trouxe entre os dedos experimentados dois palmos de cana sacarina. Ah!, cana de Santo Antão. Lá estava o segredo do melhor grogue do mundo. “Quando tem sede, cana é melhor que grogue”, murmurou, sentenciosamente. Emendou-se: “Ná. Pensa bem, Castanha. Quando não tem grogue, cana é melhor que grogue.”

Jom Tudinha resmungou: “S’ é pra bonança antes tempo ruim. Antes rebojo que calma. Assim chega depressa quem tem que chegar depressa.” Emendou-se: “Ná, ná. Rebojo não, mas vento desabrido.” Estava mesmo na hora de a corrente marítima virar de norte para o sul.

Se as estrelas não brilhassem no céu ao redor da vela bamba, se não visse a sombra do ilhéu a flutuar por cima da farta e desfeita cabeleira da moça, pensaria que estava sonhando mesmo. Uma secura contraiu-lhe a língua que começou a badalar no céu da boca, nervosamente. Para dominar os nervos deu umas patadas contra a amurada. As pernas estavam entorpecidas e tinha comichão na planta dos pés. Recobrou a serenidade.

Tacteu os dedos dela. Com infinitas precauções passou-os e repassou-os um a um como as contas dum rosário, tornou a passá-los ainda, para os abandonar em seguida, como se lhes tivesse sugado todo o sangue. Estimulado, voltou a apoderar-se da mão que parecia adormecida. No ensaio duma linguagem convencional, apertou-a duma forma que julgou perfeitamente significativa, com delicada energia. Afrouxou a pressão. Esperou. Os dedos dela esboçaram um movimento, numa contracção apenas perceptível, talvez involuntária, qual mensagem recebida, milagrosamente, doutro planeta ou doutra região remota onde se falasse uma linguagem apenas compreensível para o amor. Amor... Foi então que os seus dedos marinharam, decididamente, pelo braço dela, até ao ombro nu e macio...

A vendedeira perguntou, de supetão, com a voz sonolenta: “Que hora é, ahn?” “Já é uma da madrugada”, respondeu patrão Jom Tudinha. “Ó xente!”, exclama ela esfregando as pernas com frenesim. Redemoinho de vento envolveu a cabeça do rapaz. O braço da moça encolheu-se rapidamente; cumplicidade que o emocionou. Uma onda de calor invadiu-lhe o peito. Tudo voltou à normalidade.

Com o bojo sonolento, sem governo, *Grinalda* varria, para cá e para lá, as vagas de calema salpicadas de estrelas...

A baía abria-se, deserta de vapores, numa ampla linha semicircular. No recôncavo da Pontinha, protegidos pelo pequeno promontório do Fortim, os faluchos cruzavam nervosamente os mastros em todas as direcções, numa briga muda e colectiva de varapaus. Seus farolins pareciam saltitar dum bordo para outro, de mastro a mastro, como fogos-de-santelmo. Na outra margem do recôncavo, a iluminação eléctrica da cidade deixava um reflexo pálido que morria à beira da água, ao longo do baixo casario que se estendia até ao cais da Companhia Shell, junto do morro que

delimitava o bairro sul da cidade. **Jul'Antone**, deitado de costas no seu botinho de dois remos, matutava na vida preenchendo o tempo enquanto esperava. De quando em quando levantava a cabeça, perscrutava, os ouvidos atentos. Tornava a pousar a nuca sobre os braços cruzados, e pensava no mistério do que estava acontecendo. Não compreendia, achava esquisito, este porto sem nenhum vapor. Para que serviam os portos se não era para terem vapores dentro? Já houve tempo que não faltava dinheiro aos que viviam na ourela da baía. Tinha tanta maneira, antigamente, de um vivente viver folgado. Agora os lanchões de carvão não passavam de destroços sem utilidade, fantasmas do passado, nada mais. Sem carvão dentro para uma pessoa arranjar a sua vida! E esses cais desmantelados – que impressão vê-los mergulhados na noite! Todos dizem que não vale a pena, não há lugar para a esperança. Que Porto Grande já deu o que tinha a dar. Bananeira que já deu cacho. Tempo de carvão já não volta mais. Que remédio então? Fazer como os outros. Fugir. É o que ele pensava a toda a hora. Mas como? Os outros fugiram a tempo. Enquanto tinha vapor que os levasse. Quando restava alguma esperança. Esperança para quem partia e também para quem ficava. Essa mesma esperança que servia de ferro de fundeadouro para muitos como ele. Porque a baía era o centro de tudo, de todos, ricos e pobres. Para vender e para comprar. Quando a esperança se foi, todos os meios de fuga se foram também. Era preciso muita coragem para um desgraçado inventar uma oportunidade. Foi essa coragem que o amarrara essa madrugada ao seu botinho, a balançar no meio da baía...

Para lá da Pontinha, entre o Padrão e os depósitos de amarração dos cabos submarinos da Western Telegraph, abrigadas pelos muros de defesa da estrada marginal, mãe e filha esperavam. No silêncio opaco da noite só o ruído noturno das ondas sobre os seixos da praia enchia os espaços. Nada mais era visível dali que o tríptico faiscar do farol do Ilhéu dos Pássaros que enchia a noite como lágrimas de rubis.

Guida suspendeu a cabeça do regaço morno da mãe. Estremunhados ainda do sono, os sentidos da rapariga entrechocaram-se, desarticulados, numa confusa percepção exterior.

- Já chegou *Grinalda*, mamãe, ahn?

A mãe cuspiu para o lado.

- Nem fumo – foi a resposta da velha. Guida tornou a recostar a cabeça. O sono pulverizou as imagens confusas que acabavam de lhe povoar a cabeça cansada de carregadeira de cais. A mãe continuou a cabecear, sono de velha, olho fechado olho aberto. As ondas diante delas continuaram a dança mole, erguendo-se e caindo sobre as pedras roladas da praia...

“Um dia escondi-me no porão dum vapor. Fujo.” Velha história escrita no seu espírito como em pedra rija. Como um disco, repetitivo. “Fujo... Fujo...” O cadáver duma esperança que pousava no fundo e voltava, tempo a tempo, à superfície. Não tinha calhado ainda. Talvez não viesse a calhar. As oportunidades tinham abandonado o porto. Os vapores de alto mar fugiram. Só ficaram os faluchos, os únicos recursos das ilhas. A miséria. Por isso o disco não parava, com a sua toada de quilha de vapor rasgando água – destino das figuras de proa de navio de alto bordo. “*Fujo*.” Todo o caminho era tentador. Para o norte ou para o sul, para leste ou para oeste, todo o

caminho era bom para fugir à vida mesquinha. Caminho de trabalho certo. De pão na boca e dinheiro nas algibeiras. Quando porto não dá, acaba comida do povo. **Porque é o porto, e não o Governo, quem sustenta a pobreza desta ilha.** Sim, em toda a cachupa que meteu na boca, **Jul'Antone** reconheceu a contribuição generosa do porto. Pusesse saco às costas, puxasse zorra, fizesse rocega de carvão, quase toda a sua actividade passada e presente dependera dos vapores que fundeavam na baía. Ele e os demais filhos desta terra. Mesmo cavando terra em Santo Antão. Experimentara muitas profissões pela vida fora, e todo o escasso dinheiro que lhe caíra nas palmas das mãos trazia a contribuição deste regaço de água salgada. O primeiro cigarro comprado que fumou foi à custa do carvão roubado nos lanchões ingleses. Espreitar os guardas, içar-se nos pulsos, lançar para fora da borda as pedras maiores e mergulhar atrás delas, era trabalho, como qualquer outro, da baía, profissão de moço de ponta de praia, mais perigosa que lucrativa. **Sua vida fora uma luta danada para pisar terra firme e andar pra diante. Depois que pegou o vício das moedinhas tilintando no fundo das algibeiras, tentara todas as profissões possíveis para quem não tem escola nesta terra de apertos:** *caddy* de golfe (roubava bolas aos Ingleses para vender aos jogadores locais); cicerone (levava os estrangeiros às baiucas de mulheres de vida que lhe davam a sua percentagem ou às tascas onde se vendia vinho abafado por Porto, auferindo metade do lucro); vendedor ambulante de cigarros, de latas de conservas, bugigangas, produtos de roubo, de contrabando, de negócios de bordo; remador, rocegador das sobras de carvão trazidas pelas ondas, mergulhador, moço de armazém; até cavador de hortas na Ribeira de Julião que forneciam verduras aos *ship-chandlers* e onde as sezões o iam levando desta pra melhor; e até aprendiz de serralheiro, ajudante de carpinteiro, pescador. Nos tempos de navegação, tempos que já lá vão, quando os sinos das Companhias inglesas não paravam de badalar (*Ó na mar! – Vapor do norte! – Vapo1. do sul!* – um ou dois toques convencionais), trabalhara na Companhia Wilson & Sons, atravessava as ruas da cidade todos os dias mascarrado de carvão, atrás de companheiros silenciosos, derreados de cansaço com as algibeiras recheadas, e alguma esperança no coração. Tempo de azáfama em que os guindastes nos cais de dupla estrutura não paravam de carregar ou descarregar “Cardiff” ou “Newcastle”, cobrindo tudo ao redor de pó negro, enfarruscando os prédios da beira-mar. Os rebocadores eram as formigas da baía, levando e trazendo lanchões carvoeiros pejados, e gritando a voz do porto em bulício nas suas sereias estridentes. As mulheres corriam empurrando as vagonetas dos cais para os depósitos, montanhas negras atrás de altos muros da cor do tijolo, e dos depósitos para os cais, tentáculos vivos que se estendiam do porto para o oceano – e nesses vaivéns ligeiros e contínuos passavam os dias menos negros, mesmo sujos do pó do carvão, porque não faltava cachupa no fogareiro da família.

Na solidão do seu botinho irrequieto, Jul'Antone não se cansava de sonhar enquanto esperava. Mesmo na escuridão da noite, iluminada apenas pelas estrelas, distinguia nitidamente o perfil do Monte Cara. Era uma figura familiar que não abandonava a memória de quem se habituara a tê-la ali, todos os dias, em frente da cidade. Todos os que vão longe e que um dia voltam, a primeira coisa que seus olhos procuram é aquela cara sempre igual, firme na sua compostura. Parece que está ali como um peso de balança, como uma medida, a aferir a mutação dos homens, a fidelidade das gentes.

Soergueu a cabeça, escrutou o horizonte, um cão rosnou no tombadilho do falucho *Toninha*. O silêncio caiu de novo sobre a baía. Pousou a cabeça de novo. No céu as estrelas agitavam-se sem ruído.

(O porto nesse tempo rendia para todos. Os barcos eram muitos, havia por onde escolher. Mas os *ship-chandlers* desentendiam-se. Cada um queria tudo para si.

Urna luta surda pela concorrência. Tinham vigias de binóculo fisgado no Ilhéu. Ao sinal “demanda o porto”, lançavam os botes ao mar. Chavinho era um moço esperto. Uma manhã encostou o seu bote à escada de corda dum vapor carvoeiro. Trepou pela escada mas quando chegou lá cima já estavam outros concorrentes à porta do camarote do comandante. Então tomou a escada da ponte do comando, saltou para o tombadilho e enfiou-se pelo primeiro catavento, jogando a sorte, e foi cair precisamente aos pés do comandante quando este se preparava para abrir a porta. Este achou tanta piada, apesar do susto, que lhe deu preferência nos fornecimentos. A vida do porto é assim mesmo. Ah! Bons tempos, pensou Jul’Antone. Tempos de vapor na baía. Os barbeiros de bordo e os despenseiros negociavam tudo o que lhes caísse à mão a troco de café e aguardente. A actividade nocturna era extraordinária: os botes emergiam do negrume da noite como percevejos sugadores, puxados por homens afeitos à baía, que tinham de ser ao mesmo tempo acrobatas e mergulhadores porque acontecia uma corda ficar inadvertidamente, ou de propósito, suspensa da amurada, na parte mais esconsa, ou mesmo um cabo baloiçando algures, quando não a própria corrente da âncora, e então seria necessário trepar por aí arriba a caminho dum céu desconhecido, e estar-se preparado para um salto de emergência em direcção ao abismo; era mais vulgar, enquanto os catraeiros remavam e davam, uma cabeça loira surgir numa vigia da popa, arriar, com cautelas cúmplices, uma corda com um cesto na extremidade, por onde deveria subir a mercadoria de troca, para voltar a descer com tabaco, lataria, chocolates, perfumes e o resto, **num vaivém calculado, idas e vindas precedidas de infindáveis e suspeitosas negociações e negaças, porque nem a cabeça loira confiava nos malandrins dos botes nem estes naquela.)**

Porto Grande tem muito que contar, assim pensava Jul’Antone. E todos os outros que viviam na ourela dos cais. Pobreza é escola, e é história grande nesta terra pequena. Era neste caldeirão da baía que fervia a miséria ou o remedeio da Ilha. De repente, como por encanto, os vapores debandaram, fugiram para outras paragens menos dispendiosas; os guindastes emudeceram; os lanchões de ferro tornaram-se cada vez mais preguiçosos até se imobilizarem na paralisia de monstros anacrônicos e inúteis. Por outro lado a era do carvão terminava dando lugar ao óleo. Mas o óleo não alimenta o povo, substituía a mão-de-obra por tubos e bombas. Os cais, desarmadas as estruturas superiores, retirados os guindastes, silenciaram, apodreciam como tudo o que é abandonado.

Foi atrás do tabique duma loja da Salina que **Jom Tudinha**, homem direito e de pouca palavra, lhe metera a história na cabeça. **“Trago grogue, moço, e tu tens a tua percentagem se tudo correr na vontade de Deus. Tenho confiança em ti. Num tempo ruim como o que estamos atravessando ninguém vira a cara ao dinheiro, nem medo mora no coração dum homem com mulher e filhos para sustento. E neste negócio só entra gente grande, de dinheiro, gente branca. Negócio não é meu. Nada comigo. Eu só procuro pessoal de boca amarrada e coraja no corpo. Eles estão fazendo uma experiência.”** Explicou bem explicado o programa. Para aclarar a ideia e despertar o sentido da responsabilidade, porque meia dose de grogue de Santo Antão mete homem dentro do entendimento, a conversa foi acompanhada dum fortinho. “Mas olha lá”, reforçou Jom Tudinha que gostava de pôr os pontos nos ii, “ouve bem o que vou dizer: não estou metido nesta dança, ahn? Bem entendido? Não sei de nada, e tu não me viste, nem eu te vi. Se não for com este contrato, a coisa fica por aqui. Homem direito quando mete mão no negócio tem a boca amarrada. Assim, olha. Coraja no corpo e boca amarrada.” **Jul’Antone aceitou o risco sem vacilar. A vida tinha de ser vivida. Com perigo ou sem perigo. Mais perigo é ter as algibeiras vazias. A vida tinha de ser vivida.**

O cúter mal se movia, as velas bambas desmanteladas pela calmaria, os arcos espancando no mastro, a portinhola da escotilha tamborilando. Mais vale tempo ruim que calma, repetia de si para si Jom Tudinha, agastado porque as coisas não estavam de feição. Pelo menos dez garrafões de grogue tinham de ser desembarcados a coberto da noite esta madrugada, sem falta; dali a três horas estaria amanhecendo. Antes ciclone do golfo do México! Um homem de alto bordo acabar velho num falucho de Santo Antão! Triste destino de homem-do-mar. Para ele só tinha valor navio com agulha de marear, mas quando destino quer falucho, falucho é que mata falta. Deitou uma olhadela para a grande sombra do ilhéu. A corrente não parava. Deu uns puxões à vara do leme. Chupou no canhoto apagado; a nicotina do pipo fervilhou. Acendeu fósforo. A chama iluminou-lhe o bigode caído. Enquanto lançava baforadas, pensava. Evocava, com uma saudade que lhe rasgava as tripas, as suas viagens de mar-alto entre Cabo Verde e a América do Norte, a bordo do *Three Master Mary*. No pano de fundo do seu espírito algumas imagens engastaram-se para todo o sempre. Os ciclones dos Sargaços, coisas de meter medo ao diabo em pessoa – Deus perdoe! – na linha do horizonte a esperança de melhores dias para os emigrantes; os *light-ships* acenando o bom caminho, Boston acolhedora, tumultuosa, os cartazes luminosos, as caminhadas através daquele imenso e bom país onde os filhos das Ilhas tinham trabalho e pão certos e espalhavam o dialecto crioulo de ponta a ponta como sementes perdidas de saudade-das-ilhas; e Terra Nova, a faina da pesca, no meio de ilhéus de gelo chamados icebergues rondando os navios, e a grande ilha de Nantucket onde antigamente, como contam os velhos, as baleeiras iam desembarcar os produtos das pescarias, e New Bedford industriosa e calma; era nesta cidade que trabalhava um homem da ilha da Brava, de nome Manuel da Graça, e que mais tarde se tornou milionário, e que passou a chamar-se *bishop* Manuel – *Daddy* – Grace que dava missa em crioulo para os negros dos campos de algodão dos Estados do Sul, fazendo-lhes crer que era o enviado do Salvador, e que o crioulo era a língua do Senhor. Teimosa nostalgia, coisas que contava aos amigos, para esquecer a condenação de acabar a sua vida agarrado ao temão de falucho. Pôs-se a trautear, em surdina, como a remoer raiyas, uma cantiga de trapiche, cantiga tristíssima que os bois gostam de ouvir quando puxam o pau da almanjarra, nos currais de Santo Antão. A sua vida era agora despida de satisfação, e mesquinha. Mesquinha como a dos bois nos currais de trapiche. Mas deixa-lo, que a vida é do tamanho do coração de cada um, que é onde o homem guarda tudo o que viveu. Ámen...

Houve uma paragem. Jom Tudinha esperava este momento. O pequeno veleiro quase caminhava de popa como mula recalcitrante. Calculou a distância do Ilhéu. Tinha tempo de se safar. Quando a corrente virou para o sul, arrastou *Grinalda* em direcção à Ponta do João Ribeiro, de través, empurrou-o para dentro do porto, tal como tinha sido previsto, impelindo-o, suave e imperceptivelmente, numa linha paralela à praia da Matiota, e tão perto, que se ouvia, de bordo, o cair das ondas na praia e o raspar da ressaca. Quando não tem vento, este recanto de mar de refrega é quase morto...

Guida soergueu a cabeça, “Mamãe, ouvi uma coisa. Que é, ahn?”
“Não é nada, menina”, repontou a mãe, estremunhada. “Nada de nada.”
“E aquela luzinha lá, que é?”

“Qual luzinha. Só se é lume do farol no mar. Mar tá morto coma água na celha. Lume do farol cai no mar e vem até perto...”

Guida deixou tombar a cabeça, de novo, no regaço da mãe.

Uma impaciência estimulante, incontida, irresistível, fez-lhe erguer o tronco furtivamente – sentiu-se nesse momento capaz de todas as audácias –, puxou a gabardina para as suas cabeças, não fosse nhô Tudinha fazer malograr as suas intenções. **Pousou a boca ardente nos frios lábios da rapariga**, sugou-os avidamente, um pouco desajeitadamente, um pouco brutalmente – fruto maduro na boca dum náufrago faminto. Ficou sugando o fruto longamente, até que, tomado de louco e incontido frenesim, agarrou, como um possesso, a cabeça passiva de cabelos desfeitos, e, de pálpebras cerradas, num espasmo brutal, feroz, tentou prender aqueles lábios carnudos entre os dentes. Nem deu pela ordem do patrão Jom Tudinha, aos berros: “Eh minha gente, rapaziada, toca a acordar, temos de meter remos na água, depressa! Eh Sarafe! Castanha!, todo o mundo, toca a erguer o corpo! Toca a chamar o pessoal. Remos na água! Falucho anda sem governo! Matiota à vista. Remos na água!” Não ouviu o burburinho de vozes repetindo “remos n'água, remos n'água!”, nem o arrastar de ferros, o cair de corpos duros, as tropelias da manobra... **Quando a rapariga, sufocada e tomada de súbito pavor pela inesperada e histérica brutalidade, soltou um grito fino e aflitivo que quase se perdeu na boca do rapaz, uma mão rija agarrava com firmeza o ombro do feroz apaixonado puxando-o para trás, ao tempo que a voz de Jom Tudinha lhe segredava ao ouvido: “Assim não, contrabando assim é perigo, nhô Miguel. Você largue isso pra terra firme.”** Humilhado, deixou-se cair para trás, arfando como fera ferida, ofegante, sem forças para resistir a qualquer desafio, a uma injúria sequer. A mulher gorda, indiferente, mantinha-se na mesma posição; talvez tivesse chegado à conclusão de que dormindo ganhasse o que perdera divertindo os outros. A rapariga, para se afastar do rapaz, sentara-se de costas para ele, e agora, disfarçando a perturbação e a vergonha, consertava os cabelos com as mãos trêmulas e os braços levantados; talvez, no fundo, se sentisse vexada por se ter permitido compartilhar dum prazer que julgara só seu, secretamente seu, ou violada nos seus mais recônditos segredos. E a velha que, ao ouvir o grito sufocado, se agarrara, freneticamente, às pernas da rapariga, manteve-se, quanto pôde, sobraçada àquela tábua de salvação de um corpo vivo como o seu, mas jovem e rico de ilusões, e na certeza de que, assim, se agarrara, por contágio, à vida e à esperança. Talvez para a velha, ou para quaisquer dos outros, tudo aquilo significasse o fim, o fim duma aventura no Canal, a derrocada duma ilusão – como se o cúter *Grinalda* fosse portador dum tesouro de sonhos – e todo o Mundo desabasse nesse momento, sob a forma duma imagem que cedia o lugar a outra imagem...

Batiam as três horas no relógio da Câmara Municipal quando o farolim ponteou a noite, rente ao norte, entrando na Matiota. As estrelas crepitavam. Grande incêndio, de um azul difuso e frio, consumia a abóbada celeste. A baía era uma lagoa entorpecida. Aragem malsã acordava aqui e ali, e esquecia-se, suspensa, quase visível à flor da água.

Amodorrado pelo embalo do botinha de dois remos, **Jui'Antone** estendera-se no banco de popa, os braços cruzados debaixo da nuca a servirem de travesseiro. Na

longa noite clandestina deixara escoar as horas, semidesperto, soerguendo-se de tempo a tempo a espiar nas sombras do Canal a invisível linha do horizonte.

De repente – mas aquela luzinha era mesmo de lancha, era de lancha com certeza. Vinha tão perto já! **As pupilas dilatadas tornaram visível a imagem airosa, como ave do mar adormecida, do falucho *Grinalda* que nhô Jom Tudinha prometera fundear na Pontinha à meia-noite.** Homem de palavra que sabia o que prometia, mas quando não tem vento palavra não tem. Vento na vela é que é perna de falucho, não tem hora de chegar, não quer saber dum homem de costas dobradas no banco do bote até de madrugada. Sentou-se, espreguiçou-se, olhou à roda. Nenhum sinal de vida. Só a ressaca das ondas nas pedras da praia e o bater de roupa sacudida, da ondulação na barriga do bote, plaf-plaf, com seu quê de íntimo, cúmplice e confidencial que tranquilizava o catraeiro e o encorajava. Mas *Grinalda* vinha mais perto do que à primeira vista lhe parecera. Devia estar em frente do pavilhão de banhos. Puxou rapidamente a corda amarrada à poita de pedra. Enfiou a forqueta na popa, encaixou o remo e botou a gingar manso, direito ao veleiro de nhô Felipe da Ribeira da janela.

Patrão Tudinha largou o ombro do rapaz. Moço atiradiço. Ele também já foi rapaz. Endiabrado, com sangue no corpo. Quantas mãos não lhe teriam puxado o ombro a ele mesmo, Tudinha, ai bons tempos! Mas algo lhe chamou a atenção, na direcção da proa do falucho. Tirou o canhoto da boca. Cuspiu, olhou melhor: **“Naturalmente é Jul’Antone que vem ali, ahn, Sarafe?” “Ele mesmo”, respondeu Sarafe, empurrando, de pé, o remo para diante. “Vem gingando brabo.” Foi quando o coração do patrão do *Grinalda* começou a bater. Só agora pareceu acordar-lhe a consciência do risco, da anomalia desta viagem em que se metera mais para servir que para servir-se.** Ele era responsável por tudo quanto iria acontecer. Para bem, como para mal. Teria feito as coisas com as cautelas que as consequências exigiam? Jul’Antone ali assim gingando com brabeza podia estar trazendo no coice as ameaças que ele, patrão de falucho, mais temia neste mundo. *Grinalda* balançava docemente, trazida pelos remos. As águas dentro do porto eram mansas, águas de lago. Os quatro homens da tripulação, de pé, os rostos virados para a proa, empurravam, sonolentos, os remos para a frente, impelindo, penosamente, o bojo pesado que se deixava levar como uma grande presa morta. A boca-do-lobo de carangueja rangia ao redor do mastro consoante a vela ia e vinha, desgovernada, batendo nos cabos com um ruído surdo de bombo.

Os remos pararam. Jul’Antone aproximou-se, o bote deslizou ao longo do costado do cúter. Desse momento em diante *Grinalda* estava irremediavelmente ligado a um perigoso destino. E com ele, Jom Tudinha...

Roberto saltou para o bote. Este já levava alguns garrafões e latas de dezoito litros de aguardente no bojo.

“Toma lá. Galo de pescoço pelado dá sorte e dá canja. **É para a Guida”, disse Jom Tudinha lançando um galináceo.** Tudo fora feito com limpeza e em silêncio. A vendedeira ainda soergueu o busto. “Já chegámos, nhô Tudinha?”, perguntou ela, estramontada. “Oh não, nha Tanha. Calê! Deixe estar sossegadinha, temos tempo. São umas carguinha.s para aliviar. Estamos a entrar na Pontinha e mais uma coisinha deitamos ferro...”

Remaram em direcção à praia de seixos, entre o Padrão e os muros dos armazéns ingleses. Fazia ainda escuro, mas ao redor do Monte Verde claridade pardacenta localizava-se, prenúncio da alvorada. As ondas, espaçadas, batiam nos seixos rolados com ruído cavo de pano molhado, castanholando na ressaca. O farol do Ilhéu ponteava as sombras do Canal com os seus breves e sincopados sinais luminosos. Grinalda distanciava-se a reboque dos remos. A lanterna de bombordo lançou no mar os últimos reflexos coleantes que vieram até junto do bote. Remavam silenciosamente. **Guida e a mãe estariam à espera com certeza, apesar da hora tardia. Ajudá-las-iam a levar a aguardente para uma trincheira sobranceira à estrada marginal, vestígio da guerra de catorze. Voltariam com o bote para o cúter, já ancorado, para desembarcar os passageiros. As duas mulheres passariam o resto da madrugada carretando o contrabando para o Alto-da-Companhia, onde moravam. Os garrafões que tinham ficado a bordo seriam levados para a praia na madrugada seguinte. Era uma experiência, como explicara Jom Tudinha. Nas viagens subsequentes Grinalda traria mais, se tudo corresse na graça de Deus. Gente branca, gente de dinheiro, estava metida no negócio. Os pobres é que andam na linha de fogo. Mas não trabalham de graça. Patrão Tudinha era homem sério e falara claro.**

A poucas braças da praia, o galo da Guida bateu as asas com um ruído seco e metálico de matraca, estendeu o pescoço pelado e cantou sonoramente...

A segunda quadra emperrou. Talvez porque a primeira lhe parecesse completa, com princípio meio e fim, como o pão que sai do fomo nem cru nem queimado, e nada mais pede senão dentes para trincar. Mas ficava a música de pé, inacabada. Era a salvação – ou a perdição. Uma porta aberta, um convite; a música pedia mais. Sinal de que a quadra era insuficiente. Havia a segunda parte da música, e esta não podia nascer sem a palavra correspondente. E, ao dobrar para a segunda parte – Toi sentia-o e isso era para ele maravilhoso –, a composição deveria passar da escala menor em fá, que lhe era preferida, para a maior, numa fuga para o alto. Esta transposição, segundo ele, dava um tom de entrega e sinceridade e mais expressão ao sentimento. Impunha-se agora que a letra vincasse a expressão do sentido musical para obter a sua natural expressividade. Enfim, um mundo de intuições para o caçador de contrabandos.

A primeira quadra deixara-o arrasado. O esforço fora anterior ao “parto”. Nessa altura – ainda o galo não tinha cantado – Toi passeava para cá e para lá, fazendo chiar debaixo dos sapatos a areia que cobria o pavimento da esplanada do Padrão. O silêncio da baía era sem limite, apenas perturbado pelas raras ondas que vinham agonizar à volta da muralha. A estrada marginal, mergulhada na sombra, torcia para o norte contornando o morro da Pontinha. Os pavilhões de amarração dos cabos submarinos ficavam a menos de três minutos da esplanada. Toi olhou para esse lado, colocou a mão direita atrás da orelha e escutou. Não era do Fortim. Veio mesmo do mar. **“Ahn! Cantar de galo, galo canta na baía!”** Sonha naturalmente que está empoleirado numa árvore que balança com a aragem. Porto abandonado. É como casa velha, cheia de aranhas e bichinhos vagabundos. Até galo já canta na baía! Mas é poético. Se fosse rouxinol ou cotovia, como nos livros, mais poético seria. Mas não temos cotovias, temos é galo. Bem nosso é o galo, de todos, para os que têm de levantar cedo, para os retardatários. Qualquer um que o ouve cantar, fica sabendo que a manhã não tarda, o Sol vem perto. Toi declama: *“Galo cantâ na baía...”*, assim mesmo na língua sabe da nossa terra... **“Diacho! de onde vem este cantar de galo, se não tem capoeira para esta banda?”** Uma ideia surge-lhe, luminosa. Galo a cantar na

baía. Já é madrugada, o Sol vem perto... mas Maria, a sua namorada, é o verdadeiro Sol, seu verdadeiro Sol. E como ela está ausente, a escuridão continua... Vai pensando e trauteando. E dançando em pensamento, o rosto encostado no rosto dela. A segunda quadra irrompe inteirinha, numa catadupa de palavras e música:

«Já cantâ galo na baía
Sol câ tâ longe de somâ.
Coma 'm tâ longe de Maria
Scuru tâ continuâ...”

Era a linha dorsal, o eixo. Era o nascimento de Vénus. Morna salgada, morna de mar. Música e letra se agarrando no acto de emersão. Radiante, Toi caminhou a largas passadas para a estrada, em direcção à cidade. Sentiu-se, de súbito, reconciliado com o Mundo. Tudo estava bem, não havia problemas. Alargou as passadas, leve como se tivesse alijado grande carga de remorsos, ou produzido algo de extraordinariamente importante para a humanidade. Foi quando ouviu vozes, e o remoer cadenciado de remos nas forquetas. Ali mesmo em frente, como um fantasma na escuridão – as luzes da cidade já se tinham apagado, e ele nem dera por isso! –, Grinalda deslizava serenamente em direcção ao fundeadouro. Teria sido então dali, do falucho atrasado pela calma, que viera o cantar de galo...

O galo bateu as asas de novo; na obscuridade da madrugada, o alarme estridente soou pela segunda vez. Jul’Antone já ia a saltar para o rochedo, as pernas fora da borda, procurando firmar os pés (estava nesse momento segredando no jeito mais baixo de falar alto: “São vocês, Guida?” “Nós sim”, respondeu uma voz jovem e sonolenta de mulher. “Eu supunha que já não vinham esta madrugada, moço. Sempre Deus trouxe vocês a salvamento.”) quando o galo cantou. Mais poderoso que um clarim de guerra, o som agudo e terrivelmente metálico pareceu inundar toda a praia da Matiota e mesmo a vasta baía:

- Ó Roberto, ó moço, torce o pescoço a esse dianho! Ao menos dá canja.

- Ahn! Mais canto de galo! – Toi, que já tinha andado uns passos em sentido oposto, parou intrigado. Não vinha da lancha, não. Era da banda de lá do Padrão. Caminhou para esse lado. Ao dobrar a curva da estrada, viu, assombrado, bem desenhado no mar pontilhado de fosforescências, o vulto dum bote flutuando à beira das rochas. – Compreendo agora. Mesmo no meu regaço. É o que digo. Temos contrabando, temos canja. – Era guarda de Alfândega, tinha as suas obrigações. Nem rogos nem lágrimas contavam. Estava contratado para denunciar seus irmãos de pobreza, aqueles que se furtavam às obrigações legais. Mundo triste e duro mas era assim, afinal: Era a profissão, a obrigação, o dever, o emprego. Lei dura, mas lei. Estamos armados uns contra os outros. E se não houvesse lei? Matilhas contra matilhas. Temos contrabando, temos canja...

- ... Outra rodada de sanduíches – pediu guarda Toi, no dia seguinte, no reservado da Salibânia, para os companheiros: quarto de pão, com rodela de linguiça

de Santo Antão. **Jack de Inácia esperava com a caneta apontada para a meia folha de almaço.** Toi armava-se de grande aparato nos seus ensaios. Iam os instrumentos todos. Atrás dos tocadores, seus companheiros de sempre, juntavam-se os amigos e amigos dos amigos. O reservado enchia-se de mirones e fregueses. Tutuda repenicava o violão. **Salibânia não cabia em si de contente. Sempre que o guarda de Alfândega compunha uma morna ia ao reservado pagar rodadas.** Habitualmente, limitava-se a beber o groguinho, cada um por si Deus por todos. Era ali o lugar das reuniões do grupo e dos ensaios. O quarto enchia-se de curiosos. Ninguém se interessa tanto pelas mornas do guarda de Alfândega como a Salibânia. “Então, Toi, cando é que fazes outra morhinha, ahn? Já stá na hora, deixa de calaçaria, moço. Gosto tanto das mornas que tu fazes...” “...Cando gente quer dizer que morna é sabinha de mundo, gente diz: morna de Toi. Ai coma mundo é sabe cando morna sabe cai gente no coração”, por isso Toi simpatizava deveras com aquela mulher carnuda e incansável, que lhe fazia sentir-se rival de Eugénio Tavares. Salibânia tinha as suas sabidezas: **“Negoce tá ruim hoje em dia...”,** queixava-se a toda a hora. **O grupo, com os seus instrumentos e as músicas novas (quando não eram mornas eram sambas e modinhas brasileiras acabadas de chegar pelos paquetes da América do Sul),** atraía basbaques de todas as classes, desde vadios e mocratas aos funcionários públicos e forasteiros (havia quem fosse lá colher achegas folclóricas). Uns olhavam da porta, outros que dispunham de dinheiro entravam, pediam ovos estrelados, omeletas com chouriço, peixe frito ou sanduíches de carne fria, chá, bebidas – grogue em especial, mas do bom, daquele que caía “drêto na coração”, como sublinhava a dona da casa com a voz melada. Até doutores iam lá. Entravam anonimamente, misturavam-se com a malta. Vão lá dizer que Salibânia não arranjava a sua vida bem arranjadinha! Rebolando os olhos sensuais, queixando-se, com denguiço, da vida que ia pela hora da morte, um pouco roliça mas mexida, engraçada e afável, no rosto bochechudo um sorriso gracioso, para muitos prometedora, de alvos dentes, para todos ainda bastante apetitosa, tinha, permanentemente, caldeira e frigideira no fogareiro. Nasceu para servir fregueses, a Salibânia. Ia lá para o cantinho esfregando as mãos no avental, “qu’ê que senhor doutor manda? Casa é pequena mas de coração grande”. Ninguém entrava no reservado sem encomendar qualquer coisa, para não deixar a dona sem resposta. E sempre de muito boa vontade, tanto mais que música tinha ali, e de graça.

Tutuda repenicava o violão de olhos levantados para o tecto como se as notas do instrumento andassem no ar dançando. Passava de uma postura para outra sem ostentação mas por capricho, para seu próprio prazer; demorava-se em variações sonoras, vagabundeava os dedos pelas cordas que ele conhecia de cor e salteado, mudava de tom e de composição como as refregas da ponta de João Ribeiro em redemoinho e, num repente, picava as cordas todas, que pareciam revoar em notas solta e alegres. Com seu jeito sonolento despertava espanto e admiração e entusiasmo entre os basbaques, fazendo malabarismos quase impossíveis com ambas as mãos. Cheiro activo a temperos vinha dos fundos. Fazia fantasiar petiscos excitantes, abria o apetite aos circunstantes que se entretinham a beber grogue. A rabequinha do Afonso gemeu um motivo de finaçon de batuque aprendido em Santiago. “Rabeqtiinha pequena de coração grande”, gostava de dizer a Salibânia da rabeça mágica do Afonso. (Toi dizia que Salibânia tinha o “coração na boca”, referindo-se ao hábito que ela tinha de meter o coração em tudo, mas também pela sua franqueza.) Aquele pedaço de pau com cordas de tripa falava, gritava, gemia, chorava como gente. A taberneira, que sabia lisonjear a freguesia, acrescentava que as cordas da rabeça do Afonso faziam estremecer as cordas do coração.

- É o que eu digo, moço. Caiu-me no regaço, exactamente assim. Como pássaro, apanhado com bala.

- Quem tem sorte pode esfregar as mãos e deitar-se na cama bem deitado – reforçou Jack. O que tem de vir, vem mesmo sem fadiga.

- Vaca parida, Toi – comentou de lá o Chico, com a sua voz de eunuco, marinheiro de capitania e cantador de modinhas brasileiras e sambas, afagando, com as extremidades dos dedos, as costas do cavaquinho, pousado no regaço.

- Dez garrações de aguardente na boca de taco, desembarcados na minha barba cara, sem contar com outro tanto escondido no porão do *Grinalda*, e uma morninha de trás da orelha.

Nada modesto, o guarda de Alfândega; antes pelo contrário, um pedaço fanfarrão. Mas nem por isso os companheiros se sentiam chocados. Jack continuava com a velha conklin entre os dedos, esperando. O almaço, com uma grande nódoa gordurosa que as pressas da Salibânia trouxeram da frigideira, aguardava, em branco, o bico da pena. Os instrumentos tocavam agora em surdina, desarticulados, num momento de liberdade, como pano de fundo sacudido por inesperado pé-de-vento.

- Tá bem, Toi, tá bem – Jack não aguentava a paciência. – Já sabemos isso. Todo o mundo sabe. Vamos à escrita. **Título: “Sê rosto”** n’ê? – Jack rabiscou: “SÊ...” letra inglesa, redonda, apuradíssima. Todas as mornas de Toi foram escritas pelo punho de Jack, com a sua caligrafia bem apurada.

Foi quando, lá dos fundos, uma voz mansa, calma, de timbre sonoro, caiu como um balde de água fria na emoção que escaldava o ambiente:

- E agora, Toi? Ahn? E agora?

Quem não conhecia aquela voz? O Griga estava lá, Griga, o buscarrudo. Dizia o que tinha a dizer e depois metia a cabeça entre os ombros com seu ar sorumbático de canhota, de nada com ele.

- E agora o quê? – ripostou Toi, de pé atrás. Griga era um desmancha-prazeres. Onde estava havia sempre troca-palavras como se a vida não lhe corresse bem e quisesse amargar a dos outros. Mas era só da boca para fora, só troca-palavras porque troca de mãos não era com ele.

- Sim, e agora? Tu naturalmente não conheces, mas eu conheço Jul’Antone. Rapaz direito, ele. Vida nhanida, nesta nossa terra, faz um cristão dar seu jeito para endireitar a espinha. Que mal faz aos outros? Também conheço a Guida, com quem ele vive. Também conheço a filhinha deles os dois. Tu conheces, ahn? Naturalmente não...

- Que importa isso agora? – atalhou Toi, encarando-o, com ar de desafio.

- ...Guida espera outro filho. Mãe de Guida também come da casa do Jul’Antone. Uma data de bocas e pouca cachupa na caldeira: Sabes o que isso é? – enquanto falava parecia descartar-se do peso da consciência, com aquele seu ar de mártir que não faz mal a uma mosca. Como se transmitisse um recado. – “Meia dúzia de garrações de grogue só dá pra fazer um jeito na vida. E agora?”

- Que tens tu com isso? Na minha profissão não admito que ninguém meta o nariz. E é melhor mudares de disco, porque senão...

Houve um princípio de burburinho. Pegaram no Toi que se tinha levantado e empurrara, a cadeira para trás. Era o guarda, o representante da autoridade. Salibânia ocorreu, conciliadora:

- Ó meninos, ó Toi, d’esmola! Vocês não vão arranjar pé de boi agora aqui. Griga tá a dizer só por dizer. Quem não conhece ele? E tu, Griga, que é isso, moço? Melhor é saíres. Volta logo. Larga Toi da mão. Não vês que ele é guarda? Deixa ele consertar a sua morna no sossego. Peço do coração, d’esmola...

- Tá bem, tá bem. Tudo passado - era o Jack de caneta na mão. – Tou pronto pra escrever. Vai andando, Griga, não sejas peganhento. Cada um na sua maneira de safar a vida, e pronto. Naturalmente tás com dois grãos na asa, ahn moço? Queres

agora endireitar o mundo, né? Vai endireitar as pernas, que tás mas é com elas mais tortas que o mundo...

Com a saída do Griga os ânimos serenaram. O Chico, o da capitania, botou prosa:

- S'a gente fosse atrás de lamúrias a cadeia ficava vazia e a malandragem toda na rua. Qual de vocês aqui não sabe que contrabando é punido pela lei, ahn?

- Não se fala mais nisso, Chico – atalhou Salibânia. Tudo acabado, rapaziada...

Nessa altura o reservado estava lotado, as mesinhas todas ocupadas. O comentário do Chico batera no silêncio dos circunstantes. Metade dos que lá se achavam faziam, de muito bom grado, o seu contrabandozinho. Salibânia, refeita do susto, voltara às suas ocupações. Toi ainda olhou a porta por onde tinha saído o Griga. O comentário do Chico retemperou-o.

- Deixa lá. Cada um na sua vida. A nossa agora é escrever as palavras no papel – rematou Jack que já escrevera: “SÊ ROSTO”.

- Olha – Toi virou-se, apontou o dedo para o almoço. Passara-lhe uma outra imagem pelo espírito. Um galo de guerra, com seu grito de alerta, alerta está!, alerta contra os que infringem as regras. Assim mesmo. Contra todos os contrabandos do mundo. Alerta está! – Sê rosto, não. Quero antes... - cerrou as pálpebras, com raiva.

- Põe lá: “GALO CANTÂ NA BAÍA”. Assim mesmo. *Galo cantâ na baía*.

Grinalda, fundeado ali na Pontinha, tocado pelo sol da manhã, no meio de outras embarcações de cabotagem, tinha um ar canalha de cúmplice. Não era já a ave airosa, a rainha do Canal, mas um falucho mal-encarado e sinistro, cúmplice dum crime nocturno. Revistado pelas autoridades foram-lhe encontrados no porão, disfarçados entre cachos de banana e sacos de ervilha congo e favona, mais garrações e latas de dezoito litros de aguardente, sem guia. “Esses burros comprometeram o arrais do *Grinalda*. Não sabem fazer as coisas com limpeza”, barafustava Jom Tudinha, de mãos na cabeça, passeando a largas passadas no convés, de popa a proa. “Estupores! Meteram um homem direito, e de idade, numa desgraça destas...”

Toi, de indicador no ar, interrogativo:

- Como ia dizendo?... – olhou para o tecto esburacado. Os instrumentos silenciaram discretamente. Salibânia parou de mexer nos trocos. O pano de fundo desvaneceu-se; o foco luminoso deslizou e foi parar na caneta do Jack. No silêncio envolvente, as sílabas pingavam, uma a uma, como os clarões do farol rotativo do Ilhéu dos Pássaros:

“Sê rosto é sol de nha tristreza...”

Cabo Verde, 1936
Lisboa, 1983